

Disponível em:

<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/race>
RACE, Joaçaba, v. 17, n. 1, p. 103-128, jan./abr. 2018

**INFLUÊNCIAS DO CAPITAL SOCIAL NA FORMAÇÃO DO
CIRCO CONTEMPORÂNEO CANADENSE: UM ESTUDO NA
CIDADE DE MONTRÉAL, CANADÁ**

*Influences of social capital in the constitution of contemporary circus canadian: a study in
Montréal City, Canada*

Josiane Silva de Oliveira

E-mail: oliveira.josianesilva@gmail.com

Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mestre em Administração pela Universidade Estadual de Maringá; Professora no Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Goiás; Professora Adjunta na Universidade Estadual de Maringá.

Endereço para contato: Avenida Colombo, 5790, Jardim Universitário, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil.

Cristiane Marques de Mello

E-mail: mellcris@gmail.com

Doutora em Administração pela Universidade Positivo; Mestre em Administração pela Universidade Estadual de Maringá; Professora no Centro Universitário Integrado de Campo Mourão.

Artigo recebido em 20 de maio de 2016. Aceito em 05 de junho de 2017.

Resumo

O objetivo com este artigo foi discutir as influências do capital social na constituição do campo organizacional do circo contemporâneo no Canadá. Para tanto, considera-se capital social como um conjunto de normas, redes e organizações por meio das quais os indivíduos obtêm acesso a poder e recursos para a tomada de decisão e formulação de políticas. Entende-se que a importância deste trabalho se encontra na relevância do estudo de organizações circenses, pela articulação entre as práticas culturais e econômicas que ocorrem em seu processo organizativo, especialmente no contexto canadense que se configura como referência mundial do campo do circo contemporâneo e ainda pouco estudado na área de Administração, especialmente no contexto canadense que se configura como referência mundial do campo do circo contemporâneo e ainda pouco estudado na área de Administração. A pesquisa foi desenvolvida na Cidade de Montréal, província de Québec, Canadá, em 2013. Foram entrevistados gestores das três organizações que atuam na regulamentação e disseminação das artes no circo canadense, e de oito das maiores companhias circenses contemporâneas. Os resultados indicam que trabalhar em grandes companhias circenses é um dos meios de constituir o capital social, possibilitando a formação, acesso a redes de profissionais e possíveis parceiros de trabalho. O capital social possibilita a articulação dos artistas em organizações para produzir vias alternativas de acesso a recursos financeiros e a participação em editais públicos de fomento. Uma das contribuições do estudo está nas evidências empíricas, quando da incorporação das práticas de gestão às práticas artísticas circenses.

Palavras-chave: Capital social. Campo organizacional. Organizações circenses. Canadá. Artistas.

Abstract

The purpose of this article is to discuss the influences of social capital in the constitution of organizational contemporary circus field in Canada. Therefore, we consider social capital as a set of rules, networks and organizations through which individuals gain access to power and resources for decision-making and policy formulation. We understand that the importance of this work in the relevance of the study of circus organizations, by the articulation between cultural and economic practices that occur in their organizational process, especially in the Canadian context that is configured as a world reference of the field of contemporary circus and still little studied in the area of Administration. The research was conducted in the City of Montréal, province of Québec, Canada, in 2013. We interviewed managers of the three organizations operating in regulation and dissemination of the arts in Canadian circus, and of eight major contemporary circus companies. The results indicate that work on major circus companies is one way to establish the capital, enabling training, access to professional network of the area and potential working partners. The social capital enables the articulation of artists in organizations to produce alternative ways of access to financial resources and participation

in public tenders for development. One of the contributions of the study is in the empirical evidences, when incorporating the practices of management to the artistic practices circenses.
Keywords: Social capital. Organizational field. Circus organizations. Canada. Artists.

1 INTRODUÇÃO

O capital social tem sido tema de diversas pesquisas, tanto em âmbito nacional quanto internacional (CASTRO; LOPES; NEVES, 2010). Economistas políticos clássicos como Adam Smith e David Richard investigaram associações que facilitaram a vida econômica, as relações de mercado e a divisão do trabalho. Nas obras de Marx, Sidgwick, Marshall e Clark pode ser encontrada uma série de corporações, associações, confianças, cartéis, empresas anônimas, grêmios, sindicatos, irmandades de trabalho, sociedades de amigos, sociedades de ajuda mútua e cooperativas de variação infinita. Essas associações foram relacionadas à maximização de lucros, monopolização de mercados, aumento da eficiência, prestação de ajuda mútua, aumento de salários, redução da jornada de trabalho, riqueza, mitigação ou intensificação de antagonismos de classe. Nisso reside a contribuição de economistas políticos a uma história conceitual do capital social e do uso do termo em si. Os economistas políticos fizeram mais do que servir ou moldar os efeitos econômicos do capital social, ajudaram a reproduzir uma riqueza de capacidades e virtudes de seus membros e de “organismo social” em geral (FARR, 2004).

Nos dias atuais, questões semelhantes também têm sido investigadas e têm contribuído para o desenvolvimento teórico e empírico sobre o entendimento e a compreensão do capital social e aspectos relacionados a ele (FARR, 2004). Esse interesse pode ser observado em alguns estudos desenvolvidos no Brasil, entre os quais foram investigadas as relações entre: capital social, marketing e agricultura familiar (CASTRO; LOPES; NEVES, 2010); capital social e capital humano em empresas familiares (produtores rurais no Brasil); capital social e as teorias de empreendedorismo e estratégia (MIZUMOTO, 2009); entre outros.

As pesquisas que tratam do capital social seguem perspectivas teóricas diferentes, por vezes se aproximando mais de abordagens mais econômicas, e em outros casos optando por uma vertente mais sociológica, que é também o foco principal neste estudo. Em que pese sua relevância atual, uma de suas possíveis aplicações, o circo contemporâneo, não tem recebido a devida atenção por parte dos pesquisadores. Parker (2011) afirma que o campo das artes, especialmente os circos, é um dos

campos de pesquisa que tem se fortalecido na área de Administração, entretanto, com poucos estudos que possibilitem a compreensão de sua organização.

Entende-se que a importância deste trabalho se encontra na relevância do estudo de organizações circenses, pela articulação entre as práticas culturais e econômicas que ocorrem em seu processo organizativo, conforme destaca Parker (2011). Os resultados econômicos são, sobretudo, reflexo do contexto social, cultural e institucional no qual essas organizações estão imersas, por isso da necessidade de compreender esse cenário.

Somente nos últimos anos o tema circo tem sido investigado no campo da Administração, como, por exemplo, os estudos desenvolvidos por Oliveira e Cavedon (2013, 2015, 2017), Oliveira e Mello (2016) e Aguiar e Carrieri (2016), Quaresma Júnior, Silva e Carrieri (2014). Assim, neste trabalho, procurou-se investigar o capital social em organizações circenses, propondo como objetivo principal discutir as influências do capital social na constituição do campo organizacional do circo contemporâneo no Canadá. A pesquisa foi desenvolvida na Cidade de Montréal, província de Québec, Canadá. Foram realizadas entrevistas com gestores de três organizações que atuam na regulamentação e disseminação das artes nos circos canadenses, e de oito das maiores companhias circenses contemporâneas. O tema é pouco explorado, e acredita-se que neste trabalho se ofereça contribuição teórica ao relacionar capital social e formação do campo circense contemporâneo, a partir de suas práticas culturais, além de enfatizar essa dinâmica no contexto canadense, referência mundial no processo organizativo dos artistas de circo.

Considerando o capital social como o conjunto de normas, redes e organizações por meio das quais os indivíduos obtêm acesso a poder e recursos para tomada de decisão e formulação de políticas, analisar o circo contemporâneo canadense a partir dessa perspectiva teórica também contribui para o entendimento sobre a organização e construção de políticas no campo das artes, tema ainda pouco discutido na área de Administração (OLIVEIRA; CAVEDON, 2017).

Apresenta-se primeiramente um debate sobre o conceito de capital social na Administração, seguido das discussões sobre a formação do campo organizacional do circo contemporâneo no Canadá. A quarta seção do artigo é dedicada à apresentação da construção do campo de pesquisa canadense. A seguir, apresentam-se elementos de influência do capital social na constituição da dinâmica do circo contemporâneo canadense, e, ao final, as contribuições deste artigo ao campo de Estudos Organizacionais.

2 CAPITAL SOCIAL: CONCEITO E SEUS ELEMENTOS CONSTITUINTES

Nas Ciências Sociais, capital social refere-se a um conjunto de normas, redes e organizações por meio das quais as pessoas obtêm acesso a poder e a recursos que viabilizam a tomada de decisão e a formulação de políticas (SERAGELDIN; GROOTAERT, 2000). Nas palavras de Swain (2003) o conceito de capital social começa a ganhar maior amplitude nas décadas de 1970 e 1980 com as contribuições de Bourdieu (2000), o qual afirma que todo campo se compõe por lutas entre forças mais ou menos desiguais segundo a estrutura da distribuição do capital no campo. Essas relações se estabelecem entre os dominantes, ocupando as posições mais altas na estrutura de distribuição de capital, e os dominados, que possuem um capital tanto mais importante quanto maior a importância dos recursos acumulados no campo. Os capitais, conforme Bourdieu (1986), são tipos específicos de poder que se constituem em objetos de disputa em um campo de forças. Esses capitais podem apresentar-se em quatro formas fundamentais: capital econômico, capital cultural, capital simbólico e capital social.

O capital econômico consiste na riqueza monetária e material, *commodities* e recursos físicos, por exemplo (BOURDIEU, 1986). O capital econômico é distintamente material (EVERETT, 2002), que é imediatamente e diretamente conversível em dinheiro e pode ser institucionalizado nas formas de direitos de propriedade. Portanto, o capital econômico é uma das bases de produção de posições sociais na medida em que ele possibilita acesso ao capital cultural, bem como pode sustentar diferentes configurações das relações sociais, transformando-se em capital simbólico.

Capital simbólico é produzido nas relações entre as propriedades distintas e distintivas – a exemplo do corpo correto, língua, roupa, mobília, em que a produção de valor ocorre com base no sistema das propriedades correspondentes – e indivíduos ou grupos dotados de esquemas de percepção e de apreciação que os predis põem a reconhecer essas propriedades (BOURDIEU, 2013). O capital simbólico, para Bourdieu (2013, p. 111), retraduz as “diferenças econômicas em marcas distintivas, signos de distinção ou em estigmas sociais” que determinam as relações de forças em um determinado campo social.

O capital cultural pode ser adquirido, em graus variáveis, dependendo do período, sociedade e classe social, sem planejamento, ou seja, de modo inconsciente. As condições sociais de sua transmissão e aquisição são mais disfarçadas do que as de capital econômico, estando predisposto a funcionar como capital simbólico, na medida

em que exerce efeitos de (des)reconhecimento, por exemplo, no mercado matrimonial e em todos os mercados em que o capital econômico não é plenamente reconhecido, quer em matéria de cultura (coleções de arte, por exemplo), quer com a economia da generosidade e o dom (BOURDIEU, 1986).

O capital social refere-se ao agregado dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações (mais ou menos) institucionalizadas de conhecimento mútuo e de reconhecimento (BOURDIEU, 1986). Em outras palavras, da participação em um grupo – que dispõe cada um dos seus membros com o apoio do capital de propriedade coletiva, uma “credencial” que lhes dá direito ao crédito (nos diversos sentidos do termo). O volume do capital social possuído por um determinado agente depende do tamanho da rede de conexões que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) possuído em seu próprio direito por cada um daqueles a quem ele está conectado. A rede de relacionamentos é o produto de estratégias de investimento, individuais ou coletivas (consciente ou inconscientemente), que visam estabelecer ou reproduzir relações sociais.

A reprodução do capital social pressupõe um esforço incessante de sociabilidade, uma série contínua de trocas em que o reconhecimento é infinitamente afirmado e reafirmado. O capital social proveniente de uma relação é muito maior na medida em que a pessoa que é o objeto ricamente dotado de capital (principalmente social, mas também cultural e até mesmo o capital econômico) e os possuidores de um herdeado capital social, simbolizado por um grande nome, são capazes de transformar todas as relações circunstanciais para ligações duradouras. Eles são procurados por seu capital social e, porque eles são bem conhecidos, seu trabalho de sociabilidade, quando é exercido, é altamente produtivo (BOURDIEU, 1986). É importante frisar que em Bourdieu capital social é propriedade da relação, e não do ator.

Outro importante pesquisador sobre capital social foi Coleman (1988). O seu trabalho parece oferecer um caminho mais pleno e amplo para a conceituação e a operacionalização. No que se refere aos níveis de análise, os trabalhos desse autor focam principalmente em família e comunidade. Ele esteve amplamente envolvido na pesquisa empírica e na formulação de indicadores. De acordo com o referido autor, o capital social é tido como um recurso disponível nas redes sociais. Para Coleman (1988), o capital social está relacionado com a densidade dos laços sociais e com sua capacidade de impor a observância das normas (PORTES; VICKSTROM, 2011).

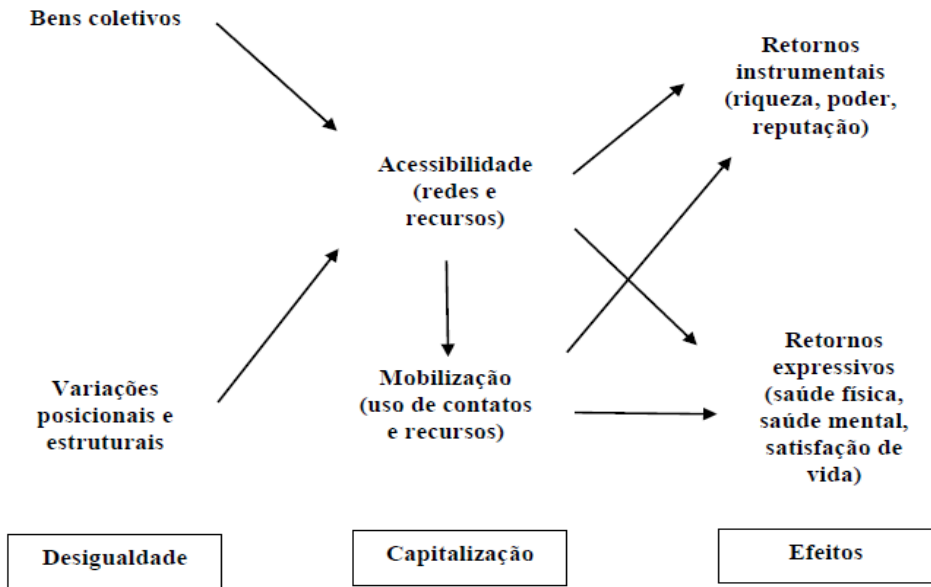
Putnam (1993), um cientista político, é um dos autores mais utilizados em pesquisas sobre capital social. O trabalho de Putnam (1993, 1995) popularizou o conceito de capital social, o que contribuiu para um enfraquecimento significativo de

definições e operacionalização do conceito na visão de alguns autores. Entretanto, Cook (2001) enfatiza que foi a partir dos trabalhos de Putnam (1993) que o quadro sobre capital social avançou, e vem sendo examinado em maior detalhe empírico por muitos estudiosos das ciências sociais. Os níveis de análise que aparecem em seus estudos são comunidade/região. O autor aborda o capital social como formal e informal. A Associação de Pais e Mestres seria um dos exemplos de capital social formal, e como um exemplo de capital social informal ele cita um grupo de pessoas que se reúne todas as noites no bar (PUTNAM, 2001). A definição de capital social, de modo mais popular, pode ser vista claramente nos seus estudos e exemplos. Talvez resida nisso (especialmente nos grupos informais) parte das críticas ao autor no que se refere à popularização do termo.

Um ponto de concordância entre os diferentes autores, que pode ser identificado facilmente é o fato de o capital social ser um conceito multidimensional (PUTNAM, 1995, 2001, 2002; WOOLCOCK, 1998). Também diferentes autores, conforme aponta Lin (2001), compartilham de uma visão semelhante de que o capital social é composto por recursos que estão imersos nas relações sociais e na estrutura, e que podem ser mobilizados quando um ator deseja aumentar a possibilidade de obter êxito em uma ação intencional. Para Lin (1999) o capital social se caracteriza como um bem social por meio das conexões de atores e de acesso a recursos da rede ou grupo dos quais participam.

Lin, Cook e Burt (2001) propõem um modelo de teorização do capital social. O modelo representado pelo Diagrama 1 contém três blocos de variáveis em sequências causais (parte inferior). Um bloco representa precondições e precursores de capital social: os fatores da estrutura social e da posição de cada indivíduo na estrutura social que facilitam ou restringem o investimento de capital social. Outro bloco representa elementos de capital social, e um terceiro bloco representa possíveis retornos para o capital social. Somente é plausível pensar em capital social porque se está considerando que existe uma desigualdade (diferenciação) nesse sistema, de bens e de posições.

Diagrama 1 – Modelando uma teoria do capital social



Fonte: adaptado de Lin, Cook e Burt (2001, tradução nossa).

O processo que leva do primeiro bloco para o segundo bloco descreve a formação de desigualdade de capital social: quais elementos estruturais e elementos de posição na estrutura afetam as oportunidades para construir e manter o capital social. Delineia padrões de distribuições diferenciais para os recursos sociais que estão imersos, acessados ou mobilizados. Além disso, deve demonstrar que há forças sociais que determinam tais distribuições diferenciais. Assim, cabe em uma teoria do capital social delinear os padrões e determinantes dos três elementos do capital social ou a desigualdade do capital social como bens coletivos, recursos sociais acessíveis e recursos sociais mobilizados.

Dois tipos de forças de causalidade são de especial interesse para os estudiosos na análise da desigualdade de capital social: variações estruturais e posicionais. A estrutura pode ser caracterizada em muitas variações, como diversidade na cultura e ideologia, nível de industrialização e tecnologia, nível de educação, extensão dos recursos físicos e naturais, produtividade econômica, etc. Dentro de uma estrutura, os indivíduos podem ser descritos ocupando posições diferentes em estratos sociais, culturais, políticos e econômicos. Essas variações podem levantar a hipótese sobre afetar a riqueza ou pobreza de vários elementos sociais. Dentro do segundo bloco há um

processo de vinculação de dois elementos do capital social: acesso ao capital social e mobilização do capital social.

O elo entre os dois elementos representa o processo de mobilização de capital social, ou seja, dadas as distribuições desiguais de capital social, como é que um indivíduo é ativado ou desativado para mobilizar esse capital para ações específicas? Esse é o lugar onde o modelo, apesar de reconhecer as contribuições estruturais ao capital social, como capturado no processo de desigualdade, também enfatiza a escolha possível da ação na mobilização. Em terceiro lugar, a teoria precisa demonstrar que os três elementos são interligados. Assim, ele precisa propor uma sequência causal em que os recursos imersos restringem e permitem escolhas e ações individuais.

A expectativa geral é de acessar recursos imersos. Esses recursos podem e serão mobilizados em ações intencionais por um indivíduo. A questão mais intrigante é que dado o mesmo nível de recursos imersos acessíveis alguns indivíduos mobilizam recursos melhores do que outros em suas ações. Uma contingência pode ser o local de rede. Pode-se supor que ser um elo ou estar mais perto de um elo pode fazer a diferença: os atores pertos desses ou daqueles locais são mais capazes de mobilizar recursos imersos. Além disso, o reconhecimento cognitivo de que existe uma vantagem estrutural de uma melhor utilização dos recursos imersos pode fazer a diferença. Finalmente, o processo do segundo bloco (capital social) e do terceiro bloco (resultados) representa o processo em que o capital social produz retornos ou rendimentos.

Aqui, a teoria deve demonstrar como o capital social é o capital, ou como ele gera retorno ou ganho, ou seja, ele deve propor como um ou mais dos elementos do capital social, direta ou indiretamente, afetam o capital econômico, político e social de um indivíduo (recursos) ou seu bem-estar físico e mental. Essas conceituações como componentes individuais e processos não são novas. A investigação sobre a teoria social de recursos em Lin (1999) verificou a proposição de que os recursos sociais ou capital social aumentam status alcançado de um indivíduo, como status profissional, autoridade e colocação (posição) em certas empresas. Ficou constatado que por meio dessas posições alcançadas o capital social maximiza ganhos econômicos também.

Observa-se que um dos campos organizacionais em que o capital social se apresenta fortemente em sua constituição é o das artes, especialmente em razão dos processos informais e pessoais de desenvolvimento das artes. Para as discussões dessa dinâmica, destaca-se o campo organizacional do circo contemporâneo como base de nossos debates, especialmente o canadense por ser reconhecido internacionalmente como referência artística nessa área (OLIVEIRA; CAVEDON, 2013). Assim, na pró-

xima seção será apresentado um resgate histórico de formação desse campo organizacional.

3 A FORMAÇÃO DO CAMPO ORGANIZACIONAL DO CIRCO CONTEMPORÂNEO NO CANADÁ

Desde o século XV com o processo de imigração europeia para a América do Norte, a constituição da sociedade canadense foi marcada por uma dinâmica: a Costa Leste com forte influência francesa, e a Costa Oeste predominantemente dominada pelos ingleses (BOUDREAULT, 2002). Foi no Tratado de Paris (1759), em um acordo entre Inglaterra e França, que o Canadá se tornou definitivamente um território de domínio britânico (CANADÁ, 2013). Apesar de oficialmente subordinados aos ingleses, os franceses sempre resistiram ao domínio britânico, não somente por meio de confrontos militares, mas pela manutenção de aspectos culturais, a exemplo da Língua Francesa. Esse processo resultou no reconhecimento dos “direitos civis franceses” pelo Governo britânico no ano 1774, o que possibilitou que a Língua Francesa, manifestações religiosas católicas e os hábitos culturais oriundos da França fossem considerados “legais” pelo Governo (COOK, 1986). No ano de 1791, em razão dos constantes conflitos entre ingleses e franceses, o Governo britânico cria as províncias de Québec (francesa) e Ontário (inglesa), também nessa época a escravidão é abolida no país (CANADÁ, 2013).

A “Festa de Independência” do Canadá ocorre em 01 de julho, pois foi nesse dia, no ano 1867, que todas as províncias fizeram um acordo, sob a denominação Canadá, em razão da iminência de uma invasão dos Estados Unidos a elas (BOUDREAULT, 1999, 2002). As disputas entre ingleses e franceses também ocorriam no campo das artes. As primeiras apresentações circenses no Canadá demarcam do final do século XVIII, especialmente na Cidade de Montréal (BOUDREAULT, 1999). Essas organizações eram essencialmente familiares e provenientes dos Estados Unidos da América ou Inglaterra (SAIRE; DALGIE, 2012; BOUDREAULT, 1999). Na província canadense de Quebeque, de colonização francesa, o circo foi introduzido por volta de 1797 por canadenses ingleses, após Québec ser integrada ao Império Britânico. Nessa época, de acordo com Boudreault (2002), os teatros eram fechados durante a passagem do circo, tal era o impacto social de suas apresentações.

Assim como maio de 1968 na França promoveu importantes transformações na sociedade francesa nessa mesma época, o Canadá enfrentava a denominada Revolução Tranquila. Esse movimento foi caracterizado por intensas mudanças de

valores na sociedade canadense, especialmente no que se refere à secularização, influenciando também formas de expressão cultural e artística (BOUDREAULT, 2002). Também houve o fortalecimento do Partido Quebequense com revitalização das influências francesas na constituição do país, com reconhecimento do Canadá como um país bilíngue – Francês e Inglês como línguas oficiais e o estabelecimento do dia 24 de junho, dia de São João Batista, padroeiro do Québec, como a “Festa Nacional de Québec”. Nessa data também se celebra simbolicamente a independência da província (BOUDREAULT, 2002).

De acordo com Boudreault (2002), a Revolução Tranquila fomentou o “nacionalismo quebequense” e essa dinâmica se refletiu no campo artístico. As artes da rua eram uma forma de comunicação da necessidade de expressão da resistência política e cultural de Québec. É justamente no início da década de 1970 que o Canadá apresenta as primeiras organizações que trabalham com artes circenses, enfaticamente nas atividades de *clown*. Cook (1986) indica que esse movimento das artes de rua e de circo durante a Revolução Tranquila atuava como um mecanismo de contracultura questionando ideologias dominantes (padronização inglesa) e revitalizando dinâmicas culturais (elementos culturais franceses).

Um exemplo apresentado por Cook (1986) que reflete essas disputas entre ingleses e franceses no contexto canadense de Montréal é o “Grande Circo Ordinário” (1969-1977). Pautado em um processo de “criação coletiva”, esse circo fazia parte de um movimento de contestação com ideais igualitários e populares com o objetivo de afirmar a “identidade quebequense” (LEGAULT, 2012). O “Grande Circo Ordinário” realizava uma aproximação artística entre circo e teatro, mas também incorporava outras artes em seus espetáculos desenvolvendo técnicas de criação e de formação artística não hegemônicas, conforme aponta Legault (2012). O “Grande Circo Ordinário” trabalhou entre 1969 e 1971 em conjunto com o Teatro Popular de Québec, composto por artistas do Teatro Novo Mundo de Montréal. Assim, a gênese do circo em Québec tem uma proximidade com o teatro, seja nos processos criativos, seja na ocupação de espaços para apresentações.

No início da década de 1980 é fundada a primeira escola de circo canadense com foco no desenvolvimento técnico da arte associada com a ginástica (ÉCOLE NATIONALE DES ARTS DU CIRQUE, 2013). Desde então, o circo canadense tem se desenvolvido e sido reconhecido internacionalmente pela destreza técnica e pelo acesso de pessoas não ligadas tradicionalmente às artes circenses e à aprendizagem do circo em escolas. O Quadro 1 apresenta uma síntese cronológica de fundação de organizações ligadas ao circo no Canadá.

Em 1980, o Canadá realiza um plebiscito para decidir sobre a separação de Quebeque do país, proposta então rejeitada pela maioria da população, fato também ocorrido em outro plebiscito na década de 1990. Essa disputa entre ingleses e franceses, apesar de não ter concretizado a separação oficial da província de Québec do Canadá, teve como efeito o reconhecimento dos quebequenses como sendo uma província “autônoma” em termos políticos, com seus próprios programas de imigração ou de fomento à cultura e educação, por exemplo. E foi em meio aos debates sobre a separação da província de Québec, durante a comemoração do 450º aniversário da descoberta do Canadá por Jacques Cartier, no ano 1984, que o Cirque du Soleil, considerado uma das principais referências em artes do circo atualmente, com sede até então na região da Cidade de Québec, realiza sua primeira turnê. Essa turnê foi realizada com financiamento do governo quebequense e a produção de um espetáculo circense que articulava circo, teatro, dança e ginastas. Com isso, outros dois aspectos que se destacam no processo organizativo do circo em Québec é a sua inserção política e a participação estatal no fomento de suas atividades, conforme pode ser observado na Tabela 1 sobre os investimentos financeiros em dólares canadenses.

Tabela 1 – Subvenções públicas para o campo das artes no Canadá no ano 2010

Província/ Território	Total de subvenções públicas	Subvenções federais	Subvenções pro- vinciais/territoriais	Subvenções munici- pais/outros
Terre-Neuve-et- -Labrador	1 966,2	1 107,3	Não disponibilizado	Não disponibilizado
Nouvelle-Écosse	2 581,6	969,2	1 374,7	237,7
Québec	78 006,3	20 146,8	48 422,8	9 436,6
Ontario	50 796,4	20 785,4	19 946,9	10 064,1
Manitoba	9 251,9	4 302,9	3 757,1	1 191,8
Saskatchewan	3 128,4	1 094,3	1 562,2	471,8
Alberta	18 986,2	6 282,3	8 914,1	3 789,8
Colombie-Bri- -tannique	20 675,1	7 671,5	6 553,5	6 450,1
Canada	187 241,1	63 027,3	92 167,0	32 046,8

Fonte: Statistique Canada (2013).

A formação do campo organizacional do circo contemporâneo é um campo de disputas que se constitui com base na capacidade de mobilização de recursos dos

artistas circenses, bem como de intervenção do Estado. Desse modo, acredita-se que a abordagem sobre o capital social pode explicar, em parte, o mecanismo que envolve o campo das organizações circenses. Nas palavras de Putnam (2001, p. 51), o capital social não é um forte preditor de tudo, mas provavelmente é “[...] um poderoso preditor de muitas coisas.” Para a compreensão dessa dinâmica com base nas discussões sobre capital social, na próxima seção deste artigo apresenta-se como a pesquisa de campo foi realizada no Canadá.

4 MÉTODO

Em relação aos procedimentos metodológicos, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa com a coleta de dados realizada entre janeiro e setembro de 2013 na Cidade de Montréal, província de Québec, Canadá. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas nos locais de trabalho dos entrevistados, ou seja, nos circos contemporâneos e nas organizações que regulam as artes circenses canadenses. As entrevistas foram previamente agendadas com os gestores, sendo realizadas nos locais indicados por eles, em geral em cafés ou restaurantes em Montréal. Considerando as proposições de Denzin e Lincoln (1994) sobre as entrevistas serem o principal recurso de construção de narrativas no trabalho de campo qualitativo, entende-se que esse recurso foi adequado para a realização da pesquisa.

Além disso, também foram realizadas observações do cotidiano de trabalho dos circenses, sendo estas registradas em diários de campo, conforme destacam DeWalt e DeWalt (2011). Essas observações se caracterizaram pela participação de uma das pesquisadoras deste artigo nos treinamentos e reuniões dos circos pesquisados. Nesse processo, o ambiente, os sujeitos e as formas de relação entre sujeitos eram especialmente observados para, posteriormente, serem descritos nos diários de campo. É preciso considerar que em um dos circos, o Passion, foi possível realizar observações da produção de um espetáculo, durante a realização da pesquisa. No total, foram produzidos 150 diários de campo com as atividades realizadas desenvolvidas nos sete circos descritos no Quadro 2 deste artigo.

Já em relação às entrevistas, foram utilizados dois roteiros, sendo um para cada grupo de gestores. O primeiro grupo foi composto pelas organizações que atuam na organização, regulação e representações das artes circenses no Canadá, sendo este um espaço específico para apresentações artísticas circenses na Cidade de Montréal; uma escola de circo e uma organização que é responsável pela representação política dos artistas de circo, conforme pode ser observado no Quadro 1. Por questões éticas

de condução do estudo, todos os nomes utilizados neste artigo são fictícios. O roteiro de entrevistas foi estruturado com base nas seguintes questões: história do circo em Montréal; fontes de recursos utilizadas para o financiamento das atividades da organização; programas de fomento às artes do circo desenvolvidos pelas organizações; participação do Estado e de empresas no fomento das atividades das organizações; e principais companhias circenses no campo organizacional do circo. Com base nesses direcionamentos das entrevistas, considera-se ser possível compreender a formação do campo organizacional do circo contemporâneo canadense, os principais atores e indivíduos envolvidos nesse processo, bem como os principais recursos que baseiam a tomada de decisão e a formulação de políticas dessas organizações, o que possibilitou identificar e discutir os elementos que constituem os capitais sociais e a formação do campo organização dos circenses na localidade pesquisada.

Quadro 1 – Gestores de organizações que atuam no campo circense canadense

Organização	Entrevistado	Entrevista	Ano de fundação
Espaço artístico	Lisa	Anotada	2004
Sindicato dos circenses	Anabelle	Gravada	1984
Escola de circo	Alain	Gravada	1981

Fonte: os autores.

Com base nessa primeira fase de coleta de dados foi possível identificar as dez principais companhias circenses que atuam no Canadá. Foram entrevistados sete gestores dessas organizações, conforme apontado no Quadro 2. Esse segundo roteiro de entrevistas foi estabelecido a partir de quatro pontos centrais: descrever a história de constituição do circo; descrever a participação da trupe circense em organizações profissionais relacionadas a circo; discorrer sobre o processo de entrada no mercado artístico; e descrever a participação do Estado no campo das artes circenses.

Quadro 2 – Gestores de circos entrevistados

Circo	Entrevistado	Formato das entrevistas	Ano de fundação do circo
Cirque Quebecoise	Lucien	Gravada	2005
Cirque Lmière	Annie	Gravada	2006
Cirque Musique	Heloise	Gravada	1978
Cirque Passion	Michel	Gravada	2002
Grand Cirque	Eric	Gravada	2006
Nouvelle Génération	Pascal	Gravada	2005
Nouveau Monde	Dominique	Gravada	2012

Fonte: os autores.

Todas as entrevistas foram realizadas em Língua Francesa, transcritas e analisadas com base na técnica de análise de conteúdo (AC), conforme discutem Bauer e Gaskell (2007). Para os referidos autores, a AC vai além de descrições numéricas do corpus do texto, pois se deve considerar também a construção de “mapas de conhecimento”, pois a comunicação é uma forma utilizada pelas pessoas para representar o mundo. Assim, além das unidades textuais, essa técnica pode ser orientada para a compreensão da construção das redes dessas unidades e a construção das representações com base nessas relações, que se configuram como as categorias de análises. Também foram realizadas pesquisas documentais nas bases de dados da organização responsável pela representação pública dos artistas circenses canadenses, o conselho de artes da província de Québec e do Canadá, bem como o instituto de estatística do Governo canadense, como forma de identificação de dados relacionados à dinâmica do campo organizacional circense. Na próxima seção, apresentam-se os principais resultados da pesquisa.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A Cidade de Montréal, local da atual sede do Cirque du Soleil, apresenta no circo uma importante cadeia de produção artística e econômica. Estima-se que são gerados mais de 4.000 empregos diretos, somente na Cidade de Montréal, relacionados às atividades circenses. Entre as atividades estão: 26 escolas ou organismos que oferecem atividades especializadas em circo no Canadá, sendo 15 por toda a província de Québec; e 300 difusores responsáveis por divulgar as artes circenses pelo mundo. Destes, 127 estão no território quebequense, além de mais de 100.000 crianças e jo-

vens que realizam atividades circenses na província de Québec (SAIRE; DALGIE, 2012).

A principal via de fomento destas atividades é o governo da província de Québec, que, além de ser o principal financiador das escolas de circo, fomenta a capacitação profissional artística por meio de bolsas a projetos dos artistas, e também apresenta linhas específicas de financiamento das atividades das organizações que representam os artistas (SAIRE; DALGIE, 2012). Nesse contexto, pode-se perceber a função do capital social descrita por Coleman (1988) quando menciona que este pode ser constituído por uma estrutura social que facilita certas ações de indivíduos que estão imersos nessa estrutura.

Em termos de concessão de bolsas por projetos pelo Governo de Québec, o circo é o setor artístico que apresenta a maior taxa proporcional de projetos atendidos (Tabela 2). Os recursos distribuídos são para aqueles que estão imersos nessa rede social. O capital social “compreende a rede e os ativos que podem ser mobilizados por meio dessa rede.” (NAHAPIET; GHOSHAL, 1998, p. 243). As bolsas são distribuídas em três grupos: o primeiro, bolsas para coletivos circenses com no máximo cinco anos de trabalho para garantir sua sustentabilidade no mercado, podendo ser utilizadas para pesquisa de criação, aperfeiçoamento ou deslocamento do coletivo; no segundo tipo, as bolsas são destinadas ao desenvolvimento de artistas com mais de dois anos de práticas artísticas que podem ser utilizadas para pesquisa e criação, deslocamento ou para residências; e o terceiro tipo compreende bolsas de carreira, as quais são destinadas aos artistas com mais de 20 anos de carreira com destaque nessa profissão (SAIRE; DALGIE, 2012).

Essas categorias de bolsas foram desenvolvidas após a ocupação de cadeiras nesse conselho pelos artistas e diretores de coletivos de circos em Québec, e refletem duas dinâmicas importantes nesse campo artístico. A primeira é o aumento de pequenas companhias circenses pela Cidade de Montréal, pois, como afirmam Fagot (2010) e Garcia (2011), existe uma tendência de que os artistas de circo formem coletivos menores ao invés de grandes empresas circenses. A segunda tendência está relacionada à “carreira” dos artistas de circo, especialmente dos acrobatas, contorcionistas e equilibristas, que é cada vez mais curta nas companhias de circo, seja pela rotatividade de formação dos profissionais em razão da expansão das escolas de circo seja pelas contusões que impedem a realização de amplas temporadas.

Tabela 2 – Número de solicitações de subvenções para projetos no Conselho de Artes e Letras de Québec no exercício 2010-2011

Área de solicitação	Número de projetos encaminhados	Número de projetos atendidos	Percentual de projetos atendidos	Número de bolsas concedidas
Artes do circo	21	5	23,8%	7
Artes midiáticas	326	58	17,8%	62
Artes multidisciplinares	23	4	17,4%	4
Artes visuais e arquitetura	303	49	16,2%	55
Dança	81	15	18,5%	15
Literatura	153	25	16,3%	26
Mestre de artes	47	8	17%	8
Música e canções	378	74	19,6%	110
Teatro	49	11	22,4%	11
Total	1381	249	18%	298

Fonte: Saire e Dalgie (2012).

A formação dos artistas circenses no Canadá ocorre, predominantemente, em escolas de circo. De acordo com os entrevistados, esse processo é centralizado no desenvolvimento técnico dos indivíduos que, inicialmente, ocorre de um modo generalista com aprendizado de todas as técnicas de circo e ao final centra-se no desenvolvimento de uma habilidade específica pelo artista. O objetivo desse processo é a incorporação pelos indivíduos das lógicas de organização do circo, mas, especificamente, de cada conjunto de atividade profissional (Diário de Campo, 23 de setembro de 2013, informação verbal).

Essa centralidade na técnica também é constituída com base na necessidade de diversificação e criatividade de constituição dos artistas. Por isso, a escola de circo fomenta a realização de residências criativas pelo mundo como forma de identificação e inserção na organização de artistas circenses que possuam domínio diferenciado do trabalho circense:

A busca pela técnica perfeita é o objetivo do desenvolvimento do processo de aprendizagem na escola de circo, porém não é apenas isso. Para que seja possível também fomentar a produção criativa dos professores e dos alunos, a escola faz audições

em todos os continentes do mundo como forma de ter acesso ao que se tem produzido de circo em diferentes localidades. As audições anuais realizadas pela escola em vários países pelo mundo têm por objetivo incorporar ao cotidiano de ensino da escola diversas linguagens circenses produzidas por diferentes contextos culturais. Esse critério de diferenciação dos alunos é aplicado, inclusive, nas políticas de distribuição de bolsas de estudos entre os alunos. O objetivo é garantir a permanência na escola daqueles sujeitos que possuem um “saber circense” diferenciado do “lugar comum”, porém em situação socioeconômica que não possibilita a manutenção das atividades integrais na escola. (Diário de Campo, 24 de setembro de 2013, informação verbal).

Alain, diretor de pesquisa da escola, afirmou que em uma das audições realizadas na África eles “encontraram” uma dupla de irmãos que dominavam uma técnica de equilíbrio que jamais haviam visto em outros espetáculos. Esses sujeitos foram convidados a ingressar na escola em Montréal. Para Alain, o contato diário com a escola e com os professores possibilita a geração de novos conhecimentos que também permanecerão na escola, bem como os artistas aprenderão muito na convivência com a rotina diária de formação (Diário de Campo, 24 de setembro de 2013, informação verbal).

Com base nas palavras do gestor, é possível compreender que a política de formação de artistas na escola tem um propósito macrossocial de expandir as influências dos “modos de fazer” do circo canadense pelo mundo, mas, também, de incorporar às atividades da escola conhecimentos que não domina na formação dos artistas. Desse modo, é possível o desenvolvimento do que Lin (1999) denomina ativos coletivos, ou seja, um tipo de conhecimento que está relacionado à posição estrutural que a escola tem na cadeia mundial de produção do circo contemporâneo. Por meio das posições alcançadas, como consequência, o capital social aumenta também os ganhos econômicos.

A escola é financiada com recursos públicos e privados, visto que o principal financiador privado se localiza ao lado da organização. Os alunos têm aulas em salas com janelas de vidro que possibilitam observar o cotidiano de trabalho na companhia. É na escola que os principais artistas circenses que atuam nessa companhia circense recrutam a equipe para a montagem e apresentação de seus espetáculos. A escola consegue mobilizar artistas e empresas em suas atividades que estruturam o campo circense canadense. Com efeito, ela se constitui como principal organização de formação e de inserção dos artistas circenses no mercado de trabalho. Nahapiet & Ghoshal

(1998) ressaltam que uma característica do capital social é a soma dos recursos reais e potenciais imersos em uma rede de relações, disponível por meio desta e derivados dela.

Entretanto, os artistas de circo também produzem outro movimento no campo organizacional para terem acesso a recursos para o desenvolvimento de suas atividades de forma alternativa, mas que também têm sido impactadas pela institucionalização de acesso a recursos no campo do circo canadense. Considerando que a quantidade de artistas formados pela escola é superior à capacidade de inserção no mercado de trabalho da principal companhia de circo naquele país, os artistas têm optado pela organização em pequenas companhias:

Existe um movimento dos artistas de circo se organizarem em pequenas companhias de circo também pelo fato de terem mais liberdade de criação. O trabalho do artista de circo é um trabalho criativo e a mobilização de recursos deve ser em prol dessa liberdade. Os artistas até podem passar cinco ou seis anos em uma grande companhia, mas é algo simbólico, é algo como se fosse para a produção de um “nome” ou para circularem pelo mundo aprendendo e se aperfeiçoando. Mas o que o artista espera é a liberdade de criação. (Diário de Campo, 05 de agosto de 2015, Michel, gestor do Cirque Quebecoise, informação verbal).

Esse movimento no campo organizacional pode se estabelecer pelo fato de a formação inicial dos artistas circenses ser generalista, o que lhes confere a polivalência artística característica do circo. É importante destacar também que a inserção em uma grande companhia circense, apesar de restringir a capacidade criativa dos artistas, é o que confere ganho na formação da carreira desses indivíduos, pois é onde se mobiliza uma rede de relacionamento e de formação importante para o desenvolvimento das atividades dos artistas. A expectativa é de acessar recursos imersos, recursos que serão mobilizados pelo indivíduo em ações intencionais, conforme sugerem Lin, Cook e Burt (2001). Não obstante, a centralidade da capacitação técnica dificulta o acesso aos processos de captação de recursos diretamente pelos artistas:

O principal problema que Dominique relatou sobre o trabalho dos artistas de circo é a participação nos editais. Ele criticou o processo de estruturação dos editais, pois o tempo que se “gasta” nessa atividade é a principal base na prática criativa. A formação dos artistas não contempla uma formação que possibilite a compreensão de participação nos editais. Segundo Dominique, as pessoas que dominam esse conhecimento têm muita

força no campo. Elas não ficam “presas” a uma organização, é muito lucrativo para elas abrirem um escritório para atuarem para diversas companhias. Os artistas acabam que, por vezes, acostumam-se com esse processo de pensar um espetáculo, estruturá-lo e se encaminhar até esses escritórios com os especialistas em produção cultural para operacionalizar a participação deles nos editais. (Diário de Campo, 28 de julho de 2015, informação verbal).

Nesse sentido, dois movimentos são observados nesse campo. O primeiro é a construção da figura do produtor cultural se constituindo e estruturando de forma relevante profissionalmente nesse contexto, visto ser ele o especialista no acesso à dimensão econômica do campo. O segundo movimento é o da organização dos artistas de circo por meio de representações de classe que possibilitam que coletivamente aos artistas se capacitem para se adaptarem às demandas do mercado, bem como ocuparem cadeiras nos conselhos de artes de forma que suas demandas sejam atendidas. Desse modo, os artistas tentam diminuir as desigualdades estruturais no campo por meio da mobilização coletiva para que seja possível o acesso a conhecimentos e a dimensões econômicas, especialmente para a capacitação deles de forma a diminuir a dependência em relação aos produtores culturais:

Annie comentou a relevância da organização responsável pela representação dos artistas frente às políticas públicas, mas, especialmente, na atuação de cursos e atividades de capacitação para as atividades administrativas e participação nos editais. Ela destacou que a definição dos eventos e cursos a serem realizados são definidos pelos próprios artistas circenses em enquetes e solicitações enviadas pelos artistas. (Diário de Campo, 25 de maio de 2013, informação verbal).

Observa-se que é o investimento na construção das redes de relações entre os próprios artistas circenses que tem sido a alternativa para a alteração da estrutura das relações de poder no campo organizacional do circo no Canadá, especialmente para reformular a dependência em relação ao trabalho dos produtores culturais e da própria formação técnica dos circenses. Na presente pesquisa, os resultados parecem convergir para a afirmação de Lin, Cook e Burt (2001) quando enfatizam que em um mesmo nível de recursos imersos na rede alguns indivíduos são capazes de mobilizar nas suas ações melhores recursos do que outros, fato que pode estar vinculado a algu-

ma contingência que pode ser o local da rede, ou seja, pode estar relacionado a uma posição ocupada nessa rede.

Considerando as organizações circenses canadenses, pode-se verificar que dentro do campo organizacional de circos tais organizações têm maior capacidade de mobilização de recursos. Primeiro, em relação à distribuição de recursos e fomento pelo Governo do Canadá, e segundo porque em decorrência dos recursos, os indivíduos são atraídos a ingressarem nessas organizações, buscando apoio ao desenvolvimento profissional e à capacitação técnica. As consequências disso são maiores possibilidades de desenvolvimento técnico e criativo dos artistas circenses e maiores chances (para as organizações do setor) de ocuparem melhores posições na rede; isso pode representar maior atrativo de recursos e ganhos financeiros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo com este artigo foi discutir as influências do capital social na constituição do campo organizacional do circo contemporâneo no Canadá. A partir dos debates propostos por Lin (1999) e Serageldin e Grootaert (2000), principalmente se considera que o capital social se refere a um conjunto de normas, redes e organizações por meio das quais as pessoas obtêm acesso a poder, e a recursos que viabilizam a tomada de decisão e a formulação de políticas (SERAGELDIN; GROOTAERT, 2000). Com base nesses debates, discutiu-se a constituição do campo organizacional do circo contemporâneo no Canadá apresentando como as disputas, a constituição do país e os embates no setor artístico “produziram” os canadenses como referência circense no mundo. Entende-se que o estudo do capital social em organizações circenses pode projetar novas luzes teóricas aos estudos desenvolvidos anteriormente. Em organizações circenses o capital social é reforçado mediante a disseminação e a reprodução de técnicas de circo, facilitado pelos recursos disponíveis aos atores imersos no campo.

Nas entrevistas realizadas, os gestores das organizações que regulamentam e organizam os artistas canadenses destacaram que os principais recursos em disputa nesse campo se referem à diversidade de conhecimento das técnicas circenses e à articulação com grandes companhias circenses. São essas as bases do capital social que têm como efeito a produção de reconhecimento e legitimidade da escola de circo como referência na formação de artistas. É preciso destacar que esse processo ocorre facilitado pelo fomento financeiro que a escola recebe de grandes companhias e que possibilita a escola circular pelo mundo em busca de diferentes práticas criativas aliadas às técnicas circenses. Esse conhecimento é incorporado pela escola, inclusive na

constituição dos professores-artistas e, posteriormente, nas grandes companhias circenses canadenses. Trabalhar nessas organizações também foi destacado como importante meio de constituir o capital social dos artistas, enfaticamente pela possibilidade de formação durante turnês em diferentes países, pelo acesso a redes de profissionais da área e possíveis parceiros de trabalho.

O segundo movimento de produção de capital social no campo circense contemporâneo do Canadá se refere à articulação dos artistas em organizações para produzir vias alternativas de acesso a recursos financeiros, à participação em editais públicos de fomento às artes e à capacitação técnica na área administrativa pelos artistas circenses. Nesse contexto, os ativos coletivos discutidos por Lin (1999) se referem à participação social dos artistas, em especial, na organização que os representa coletivamente para que seja possível a articulação política entre esses atores, e, de forma mais incisiva, a definição de pautas para os cursos de capacitação e ocupação de cadeiras nos conselhos de artes. O efeito esperado com esse movimento dos artistas circenses é a diminuição da dependência deles em relação aos produtores culturais que detêm o conhecimento de elaboração, participação e captação de recursos via editais.

As evidências empíricas desta pesquisa destacam, primeiramente, a incorporação das práticas de gestão às práticas artísticas circenses. Parker (2011) destaca que o circo contemporâneo foi produzido por uma combinação de capitalismo empresarial, marketing de massa e processos de urbanização na ocupação das cidades, pelo fato de não ser mais a arte produzida embaixo de lonas. Com efeito, Fagot (2010) e Garcia (2011) discutem que os circenses são sujeitos polivalentes artisticamente, mas a incorporação das práticas de gestão no cotidiano de atividades dos circos tem produzido um processo de fragmentação das relações de trabalho e destituído essa característica dinâmica de constituição do sujeito artista circense. O resultado é o fortalecimento da posição do produtor cultural como detentor de poder nesse campo organizacional. Entretanto, há um processo de resistência dos artistas de circo frente a essas configurações, o que tem resultado em discussões para a reformulação, inclusive, do processo de formação artística desses atores.

O processo de análise apresentado neste estudo objetivou produzir reflexões teóricas e empíricas nas disputas da constituição dos capitais sociais, especialmente em campos organizacionais marcados por lutas macrosociais. Tendo o campo organizacional do circo contemporâneo como base deste estudo, destacou-se como as disputas pelo capital social resultam, inclusive, na produção de demandas de profissionais, a exemplo dos produtores culturais. Com isso, esses debates não encerram aqui. Futuros artigos poderão discutir, por exemplo, as relações entre capital social e

formação profissional, proposição decorrente dos resultados deste artigo, ou mesmo compreender as relações entre capital social e as redes sociais no campo das artes para discutir as práticas de resistência frente à tentativa de produção de práticas hegemônicas nas relações de trabalho.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. R. C.; CARRIERI, A. P. 'Água de lona' e 'sangue de serragem' nos discursos de sujeitos circenses. **Organizações & Sociedade**, v. 23, n. 77, p. 247-262, 2016.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BOUDREAUULT, J. L'Annuaire théâtral. **Revue Québécoise d'Études Théâtrales**, v. 32, n. 1, p. 22-36, 2002.
- BOUDREAUULT, J. **Les nouveaux cirque: rupture ou continuité?** 1999. Thèse (Doctor Philosophiae)–Université Laval, Laval, 1999.
- BOURDIEU, P. Capital simbólico e classes sociais. **Novos Estudos-CEBRAP**, v. 96, n. 1, p. 105-115, 2013.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: BOURDIEU, P. **Intelectuales, política y poder**. Buenos Aires: Eudeba, 2000.
- BOURDIEU, P. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. (Ed.). **Handbook of theory and research for the sociology of education**. New York: Greenwood, 1986.
- CANADÁ. **Histoire et patrimoine**. Disponível em: <<http://canada.ca/fr/services/culture/histoire.html>>. Acesso em: 10 ago. 2013.
- CASTRO, L. T. E.; LOPES, F. F.; NEVES, M. F. Redes, capital social e marketing como elementos fundamentais para a agricultura familiar: uma experiência no projeto público de irrigação jaíba. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 12, n. 3, p. 227-239, 2010.
- COLEMAN, J. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, v. 94, i. 1, p. 95-120, 1988.

COOK, K. S. **Trust in society**. New York: Russell Sage Foundation, 2001.

COOK, P. M. A. G. **National cultures and popular theatre: four collective companies in Québec and Newfoundland**. 1986. Dissertation (Master of Arts)–Carleton University, Ottawa, 1986.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. Introduction: entering the field of qualitative research. In: DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S.. (Ed.). **Handbook of Qualitative Research**. London: Sage, 1994.

DeWALT, K. M.; DeWALT, B. R. **Participant observation: a guide for fieldworks**. Plymouth: AltaMira, 2011.

ÉCOLE NATIONALE DES ARTS DU CIRQUE. **L’Institution**. Disponível em: <<http://www.ecolenationaledecirque.ca/fr/institution>>. Acesso em: 19 jan. 2013.

EVERETT, J. Organizational Research and the Praxeology of Pierre Bourdieu. **Organizational Research Methods**, v. 5, i. 1, p. 56-80, 2002.

FAGOT, S. **Le cirque: entre culture du corps et culture du risque**. Paris: Harmattan, 2010.

FARR, J. Social capital: a conceptual history. **Political Theory**, v. 32, i. 1, p. 6-33, 2004.

GARCIA, M. C. **Artists de cirque contemporain**. Paris: La dispute, 2011.

LEGAULT, A. C. **L’affirmation culturelle québécoise dans le mouvement du jeune théâtre: grand cirque ordinaire et théâtre du même nom (1969-1971)**. Matrîse. 2012. 133 p. (Maîtrise dès arts)–Université d’Ottawa, Ottawa, 2012.

LIN, N. Building a network theory of social capital. **Connections**, v. 22, i. 1, p. 28-51, 1999.

LIN, N. Building a network theory of social capital. In: LIN, N.; COOK, K. S.; BURT, R. S. **Social capital: theory and research**. New York: Transaction Publishers, 2001.

LIN, N.; COOK, K. S.; BURT, R. S. **Social capital: theory and research**. New York: Transaction Publishers, 2001.

MIZUMOTO, F. M. **Estratégia e ação empreendedora em empresas familiares: uma análise sobre capital humano e capital social**. 2009. Tese (Doutorado em Administração e Contabilidade)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

NAHAPIET, J.; GHOSHAL, S. Social capital, intellectual capital, and the organizational advantage. **Academy of Management Review**, v. 23, i. 2, p. 242-266, 1998.

OLIVEIRA, J. S.; CAVEDON, N. R. As tramas políticas emocionais na gênese de processos organizativos em uma organização circense. **Organizações & Sociedade**, v. 22, n. 72, p. 61-78, 2015.

OLIVEIRA, J. S.; CAVEDON, N. R. Micropolíticas das práticas cotidianas: etnografando uma organização circense. **Revista de Administração de Empresas**, v. 53, n. 1, p. 156-168, 2013.

OLIVEIRA, J. S.; CAVEDON, N. R. Os Circos Contemporâneos como Heterotopias Organizacionais: Uma Etnografia Multissituada no Contexto Brasil-Canadá. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 21, n. 2, p. 142-162, 2017.

OLIVEIRA, J. S.; MELLO, C. M. As Lógicas Institucionais no Campo Organizacional Circo Contemporâneo: Uma Etnografia Multissituada no Contexto Brasil-Canadá. **Revista Alcance**, v. 23, n. 4, p. 475-494, 2016.

PARKER, M. Organizing the circus: the engineering of miracles. **Organization Studies**, v. 32, i. 4, p. 555-569, 2011.

PORTES, A.; VICKSTROM, E. Diversity, social capital, and cohesion. **Annual Review of Sociology**, v. 37, i. 1, p. 461-479, 2011.

PUTNAM, R. D. Bowling alone: America's declining social capital. **Journal of Democracy**, v. 6, i. 1, p. 65-78, 1995.

PUTNAM, R. D. **Making democracy work: civic traditions in modern Italy**. Princeton: Princeton University Press, 1993.

PUTNAM, R. D. Social capital: measurement and consequences. **Isuna**, v. 2, i. 1, p. 41-51, 2001.

QUARESMA JÚNIOR, E. A.; SILVA, E. R.; CARRIERI, A. P. As alianças estratégicas no picadeiro da arte/negócio circense. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 3, p. 101-131, 2014.

SAIRE, P. O.; DALGIE, P. **Planification sectorielle des arts du cirque**. En Piste: Montréal, 2012.

SERAGELDIN, I.; GROOTAERT, C. Defining social capital: an integrating view. In: DASGUPTA, P.; SERAGELDIN, I. (Ed.). **Social capital: a multifaceted perspective**. Washington, DC: World Bank, 2000.

STATISTIQUE CANADA. **Arts du spectacle et visuels**: année 2010. Disponível em: <<http://www5.statcan.gc.ca/subject-sujet/subtheme-soustheme.action?pid=3955&iid=3586&lang=fra&more=0>>. Acesso em: 02 fev. 2013.

SWAIN, N. Social capital and its uses. **European Journal of Sociology**, v. 44, i. 2, p. 85-212, 2003.

WOOLCOCK, M. Social capital and economic development: toward a theoretical synthesis and policy framework. **Theory and Society**, v. 27, i. 2, p. 151-208, 1998.

Como citar este artigo:

ABNT

OLIVEIRA, Josiane Silva de; MELLO, Cristiane Marques de. Influências do capital social na formação do circo contemporâneo canadense: um estudo na Cidade de Montréal, Canadá. **RACE, Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, Joaçaba: Ed. Unoesc, v. 17, n. 1, p. 103-128, jan./abr. 2018. Disponível em: <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/race>>. Acesso em: dia/mês/ano.

APA

Oliveira, J. S. de, & Mello, C. M. de (2018). Influências do capital social na formação do circo contemporâneo canadense: um estudo na Cidade de Montréal, Canadá. *RACE, Revista de Administração, Contabilidade e Economia*, 17(1), 103-128. Recuperado em dia/mês/ano, de <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/race>